



DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO/APRENDIZAGEM EM AULA DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ADICIONAL

Nome do autor
Beatris de Andrade Pretto¹

Nome dos coautores
Gisele de Paula²
Jade Garcia Rocha³
João Victor da Silva Vaiceulionis⁴
Luana Froehlich Pacheco⁵

Nome do orientador
Silvia Matturro Panzardi Foschiera⁶
Cristina Sperotto De Moraes Pacheco⁷

Eixo Temáticos Educação e diferenças

Apresentamos aqui o relato de uma experiência desenvolvida com alunos de inclusão em turma de espanhol como língua adicional (LA), realizada por bolsistas do subprojeto Letras Espanhol do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) junto a alunos de 2º. ano do Ensino Médio da E. E. E. M. CAIC Madezatti, em São Leopoldo/RS,

¹ * Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Curso de Letras Português Espanhol, Bolsista PIBID CAPES, beatris.andrade.p@gmail.com

² Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Curso de Letras Português Espanhol, Bolsista PIBID CAPES, gisa.paula@gmail.com

³ Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Curso de Letras Português Espanhol, Bolsista PIBID CAPES, jadgarciar@gmail.com

⁴ * Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Curso de Letras Português Espanhol, Bolsista PIBID CAPES, oovelhamanca@outlook.com

⁵ * Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Curso de Letras Português Espanhol, Bolsista PIBID CAPES froehlichluana@gmail.com

⁶ Doutora em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, silvia.matturro@hotmail.com

⁷ Especializada em Metodologias de Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira pela Uninter, cristina.pacheco13@yahoo.com.br



no ano de 2017. A experiência permitiu estabelecer uma interlocução entre as aprendizagens sobre inclusão desenvolvidas no processo de formação dos bolsistas e as práticas escolares em língua espanhola.

O CAIC Madezatti vem recebendo cada vez mais alunos com necessidades especiais. Entretanto, a preparação da comunidade escolar para lidar com essa realidade ainda é insuficiente. Há carência de informações sobre o tema, dadas as dúvidas que permeiam o discurso dos docentes. Para eles é difícil atender as especificidades que esses alunos demandam e justificam sua posição no tempo de aula, no número de estudantes na sala e na especificidade do ensino da LA. Os professores se questionam sobre a aprendizagem dos alunos com tais necessidades nessas disciplinas, já que a linguagem tem como foco a interação e comunicação. Esses questionamentos descortinam um problema que não é novo, a dificuldade de promover a inclusão nas escolas.

Reconhecendo a relevância desse tema, as universidades vêm promovendo discussões sobre dificuldades de aprendizagem. E, em março de 2016, nós bolsistas vivenciamos essas mesmas angústias com a chegada de três alunos de inclusão em uma turma de espanhol. Logo, entendemos essa situação como uma oportunidade de aprendizagem.

Assim, buscamos estabelecer uma interlocução entre referenciais teóricos, escola e a nossa prática escolar. Para isso, abordamos os tópicos: (i) dificuldades de aprendizagem e seu tratamento na escola, através de Lopes e Fabris (2005); (ii) documentos oficiais norteadores do ensino de LA na escola, bem como o ensino desta para alunos de inclusão, valendo-nos dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNS (1998) e de Ney (2016) e (iii) legislação sobre inclusão na escola, com base na Lei de Diretrizes e Bases - LDB (1996) e na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008).

Ao desenvolvermos o projeto, questionamo-nos como coadunar o tempo às necessidades dos alunos de inclusão frente ao resto da turma. Lopes e Fabris (2005) nos ajudaram a pensar que o tempo escolar não é o tempo da aprendizagem e que isto não ocorre exclusivamente com alunos de inclusão. Entendemos que devemos aprender a lidar com



esses tempos e que afirmar que o aluno de inclusão tem outro tempo de aprendizagem, ajuda a estigmatizá-lo.

Posteriormente, indagamo-nos sobre quais eram as limitações desses alunos de inclusão. Em 2016, resolvemos entrevistar a supervisora escolar, elaborando um questionário com base em textos sobre educação inclusiva. Durante a entrevista, descobrimos que eles não tinham laudo médico e que a escola não contava com rede de apoio, assim como na escola da qual eram oriundos. As informações induziam a características próximas ao transtorno de espectro autista, à deficiência cognitiva e de aprendizagem. A supervisora esclareceu que, mesmo sem laudo, deveríamos atendê-los considerando suas limitações. Com base nessas informações, retomamos as leituras.

Buscando dar conta do processo de ensino aprendizagem de LA, revisitamos os PCNs e apoiamos-nos em Ney (2016). Segundo a visão sociointeracionista, o estudante é um ser social, pertencente a uma cultura e a um período histórico, que interage através da linguagem. Portanto, a aprendizagem deve ser um processo controlado de interação com os pares, visando a construção do conhecimento da linguagem. As dificuldades enfrentadas são inerentes ao compartilhamento do conhecimento. Para que um aluno de inclusão aprenda um novo idioma, deve-se prever muitas negociações, compreensão e o enfrentamento de dificuldades que variam conforme as atividades propostas.

Procuramos analisar também a legislação sobre inclusão. Segundo a LDB, a educação no ensino básico deve ser ofertada adaptando o currículo e as atividades. Conforme a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, os alunos devem receber atendimento específico, em turno contrário, para estimular e contribuir para a aprendizagem. Esse mesmo atendimento passou a acontecer na escola em 2017, com a chegada da profissional da sala de recursos.

Em relação ao projeto “*Viajes por el mundo hispano*”, os alunos deveriam ser capazes de pesquisar as diferenças culturais dos países latino-americanos, utilizando plataformas e ferramentas tecnológicas para produzir um texto digital em espanhol. Para que os alunos de inclusão participassem disso, realizamos adaptações nos planos de aula. A seguir, abordamos uma atividade de promoção de maior exposição ao vocabulário de apoio



e outra de adequação verbal ao propósito comunicativo, bem como o resultado das intervenções.

Na aula em que foi exposta a adequação dos verbos ao propósito comunicativo, sentamos junto aos alunos de inclusão para aplicar a atividade adaptada. Explicada para o aluno A, prontamente ele reconheceu e traduziu algumas palavras do quadro auxiliar de vocabulário, compreendendo que os desenhos estavam ali para integrarem a estrutura comunicativa solicitada. Necessitou de auxílio apenas para o primeiro exemplo, demonstrando autonomia e capacidade de dar conta das situações subsequentes.

O aluno B recebeu o mesmo acompanhamento. Soube dizer o que os desenhos representavam e mostrou as palavras que poderia usar como resposta. Mas, embora fosse questionado sobre o que havia entendido e o que deveria fazer na atividade, preferiu fazê-la em casa e trazê-la para a próxima aula. No dia da correção do trabalho, constatamos que havia copiado as respostas de outro colega.

O aluno C não participou da atividade no dia previsto, então, foi auxiliado no contraturno e nas semanas seguintes. Na atividade de adequação, recebeu a ajuda de um bolsista e conseguiu resolver parte do exercício, preferindo buscar o auxílio de outros colegas para completá-lo.

Ao final do projeto, utilizamos o mesmo instrumento de avaliação para toda a turma e percebemos que os alunos de inclusão demonstraram um resultado próximo ao alcançado pelo restante dos estudantes. Embora a função da LA seja a de possibilitar a interação, percebemos que com os alunos desta amostra, isso se confirma parcialmente. A interação ocorreu de forma restrita, mais com o bolsista que com os colegas. Os resultados suscitaram



mais questionamentos, dentre eles, como superar essa dificuldade e como lidar com o aluno que evitou a interação com o bolsista.

Embora a experiência tenha nos ajudado a pensar a inclusão, seguimos interessados em saber como lidar com as necessidades especiais. Acreditamos que ainda há muito a dizer sobre inclusão, especialmente na área de LAs.

Os questionamentos provocados pela inclusão seguem o mesmo caminho de outras situações em aula: reconhecer o problema, investigar, buscar suporte, propor soluções e testá-las. O avanço ocorre na investigação de nossas próprias situações.

As leituras permitiram entender melhor a inclusão em LA, afirmando que o trabalho conjunto da instituição escolar, professores e também pais, exige que se repense o que é a diferença e como podemos trabalhar com ela. Pudemos compreender que apenas com a mobilização e a mediação do coletivo escolar se promoverá a verdadeira inclusão desses alunos em um espaço que se mostra fragmentado.

Palavras-chave: Inclusão. Língua Adicional. Dificuldade de aprendizagem.

Referências Bibliográficas:

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducuespecial.pdf> Acesso em: 14 junho 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Estrangeira, 5 a., 8 a., séries**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

LOPES, Maura Corcini; FABRIS, Elí. **Dificuldade de aprendizagem**: uma invenção moderna. In: 28ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd): 40 anos de pós-graduação em Educação no Brasil, 2005, Caxambu (MG). 28ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd): 40 anos de pós-graduação em Educação no Brasil. Petrópolis (RJ): Vozes, 2005. p. 1-15.

NEY, Valéria Zanetti. O acadêmico de letras e a experiência com aluno autista no ensino regular de língua estrangeira. 2016. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO



– SIE, 15, 2016, Novo Hamburgo. **Educação e interdisciplinaridade:** percursos teóricos e metodológicos. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2016. Disponível em: <
<http://www.feevale.br/hotsites/seminario-internacional-de-educacao/edicoes-antiores/xv-seminario-internacional-de-educacao---2016> > Acesso em: 24 fev. 2017.